

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

GABRIELLY SANTOS DA ROSA

**ANÁLISE DAS VOZES NARRATIVAS EM “ADELINA”, DE ANA PLÁCIDO, E
“MARIANA”, DE MACHADO DE ASSIS**

Bagé/RS

2026

GABRIELLY SANTOS DA ROSA

**ANÁLISE DAS VOZES NARRATIVAS EM “ADELINA”, DE ANA PLÁCIDO, E
“MARIANA”, DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso Licenciatura em
Letras – Português e Literaturas de Língua
Portuguesa da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em
Letras – Português e Literaturas de Língua
Portuguesa.

Orientadora: Cristina Arena Forli

Bagé/RS

2026

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

d824a da Rosa, Gabrielly Santos
Análise das vozes narrativas em "Adelina", de Ana Plácido,
e "Mariana", de Machado de Assis / Gabrielly Santos da Rosa.
49 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2026.
"Orientação: Cristina Arena Forli".

1. Conto Adelina, de Ana Plácido. 2. Conto Mariana, de
Machdo de Assis. 3. A condição feminina no século XIX. 4.
Sistema Patriarcal. 5. Marianismo. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

GABRIELLY SANTOS DA ROSA

ANÁLISE DAS VOZES NARRATIVAS EM "ADELINA", DE ANA PLÁCIDO, E "MARIANA", DE MACHADO DE ASSIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 14 de julho de 2026.

Banca examinadora:

Profª. Dra. Cristina Arena Forli

Orientadora
(UNIPAMPA)

Profª. Dra. Yanna Karlla Honório Gontijo Cunha
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Zila Letícia Goulart Pereira Rêgo
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **ZILA LETICIA GOULART PEREIRA REGO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/07/2026, às 14:40, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **YANNA KARLLA HONORIO GONTIJO CUNHA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/07/2026, às 10:20, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CRISTINA ARENA FORLI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 16/07/2026, às 17:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2090902** e o código CRC **FF45DAF1**.

Referência: Processo nº 23100.011339/2026-56 SEI nº 2090902

Dedico o presente trabalho à minha mãe Maristel, ao meu pai João Batista e ao meu namorado Matheus, que me apoiaram e me incentivaram durante minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

O trabalho de conclusão de curso é o mais temido durante a formação, são muitos desafios, estresses, procrastinação e noites mal dormidas, mas há algo que vai além desse caminho árduo. O elemento principal em gostar da sua pesquisa é a curiosidade e, é isso que facilita boa parte desse trabalho.

Diante disso, quero agradecer primeiramente a Deus, que sempre ouviu minhas preces e me deu discernimento para continuar, a minha família e amigos que estiveram comigo durante esse processo, me acolheram nos momentos difíceis e que irão comemorar comigo após a conclusão.

Em seguida, agradeço a minha orientadora Cristina Arena Forli, que me incentivou com sugestões para essa análise e me acolheu como amiga, construindo um laço de simplicidade e harmonia que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

“A pena é a nossa espada. Com ela, combatemos o preconceito e escrevemos a
nossa própria história.”

- Josefina Álvares de Azevedo (editorial da revista *A Família*)

RESUMO

Na presente pesquisa, busca-se apresentar uma análise das vozes narrativas, sendo elas, femininas e masculinas, e como foram construídas as protagonistas femininas dos contos “Adelina” (1863), de Ana Plácido, autora portuguesa, e “Mariana” (1871), de Machado de Assis, grande escritor brasileiro. Pretende-se analisar de que forma essas vozes narrativas contribuem para a produção das personagens que são apresentadas em cada produção, adotando assim, uma abordagem qualitativa, de natureza analítica, para compreender esse funcionamento. Dessa forma, foi utilizado como aporte teórico deste trabalho a narratologia segundo o autor Gérard Genette. A importância dessas obras no meio literário destaca-se pela escrita intimista e crítica sobre uma sociedade opressora e machista do século XIX, em que apenas os homens e senhores religiosos presidiam espaços privilegiados socialmente, já as mulheres, descritas como belas e frágeis, eram responsabilizadas por cuidar dos filhos e da casa, sem possibilidade de se expressar criticamente. Ademais, para alcançar o objetivo pretendido, foram utilizadas as seguintes leituras: Abdala Júnior (2007) e (2010); Simone de Beauvoir (2015); Tânia Carvalhal (2006); Sidney Chalhoub (2003); Mary Del Priore (2005); Gérard Genette (1979) e Irene Vaquinhos (2005).

Palavras-chave: Vozes narrativas, Adelina, Mariana, Ana Plácido, Machado de Assis.

ABSTRACT

This study aims to present an analysis of the narrative voices, both feminine and masculine, and how the female protagonists of the short stories “Adelina” (1863), by the Portuguese author Ana Plácido, and “Mariana”(1871), by the renowned Brazilian writer Machado de Assis, were constructed. It aims to analyze how these narrative voices contribute to the construction of the characters presented in each work, adopting an analytical, qualitative approach to understand this dynamic. Narratology, as defined by Gérard Genette, serves as the theoretical framework for this study. The importance of these works within the literary field lies in their intimate and critical portrayal of the oppressive and patriarchal society of the nineteenth century, in which only men and members of the religious elite occupied socially privileged positions, whereas women, described as beautiful and fragile, were held responsible for caring for their children and households, with no opportunity to express themselves critically. Furthermore, in order to achieve the proposed objectives, the following works were consulted: Abdala Júnior (2007; 2010); Simone de Beauvoir (2015); Tânia Carvalhal (2006); Sidney Chalhoub (2003); Mary Del Priore (2005); Gérard Genette (1979); and Irene Vaquinhos (2005).

Keywords: Narrative voices; Adelina; Mariana; Ana Plácido; Machado de Assis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONTEXTO HISTÓRICO NO SÉCULO XIX: BRASIL – PORTUGAL	16
2.1. Portugal no século XIX.....	17
2.2. Brasil no século XIX.....	19
3 A NARRAÇÃO NOS CONTOS “ADELINA” (1863) E “MARIANA” (1871)	21
3.1 A Narratologia de Gérard Genette	21
3.2 Quem narra no conto “Adelina” (1863), de Ana Plácido	23
3.3 Quem narra no conto “Mariana” (1871), de Machado de Assis	26
4 A CONDIÇÃO DA MULHER E A LITERATURA NO SÉCULO XIX.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Durante minha trajetória acadêmica tive diversos temas em mente, para que fossem abordados na minha pesquisa de TCC, porém foi após o componente ofertado pela Profa. Dra. Zíla Letícia Goulart Pereira Rego, que me despertou um interesse profundo em Literatura Portuguesa. No semestre seguinte, foi ofertado outro componente que abordava a temática sobre Literatura de mulheres, ministrada pela Profa. Dra. Cristina Arena Forli. Assim, durante conversas feitas com a Profa. Cristina, e após a decisão de que eu iria trabalhar com o conto “Adelina” (1863), de Ana Plácido, que foi apresentado durante suas aulas, decidimos analisar a voz narrativa presente neste texto e, assim, compará-la a outro conto que pudesse apresentar um narrador diferente com outro ponto de vista, como foi o caso de “Mariana” (1871), de Machado de Assis. É importante ressaltar que o foco não é somente comparar essas vozes, mas também observar como elas foram utilizadas para representar a crítica literária da época, mostrando a forma como a sociedade agia perante determinadas situações.

Nesse contexto, a pesquisa propõe-se a analisar, de forma comparativa, os contos “Adelina” (1863), de Ana Plácido, e “Mariana” (1871), de Machado de Assis, observando como essas narrativas exploram e desenvolvem as desigualdades de gênero, raça e condição social que distinguiram a vida das mulheres no século XIX, em Portugal e no Brasil. Ao tratar dos assuntos presentes nos contos, é importante que antes, haja uma breve descrição da vida dos autores e em que momentos de sua carreira esses textos foram escritos.

A autora Ana Plácido nasceu em 27 de setembro de 1831, no Porto - Portugal, se casou aos 19 anos com Manuel Pinheiro Alves, um comerciante com muitas riquezas e bem mais velho que ela. O famoso casamento arranjado, com o intuito de ajudar financeiramente a família. Os dois eram incompatíveis, tanto de idade, quanto de ideais, enquanto Plácido pendia para as letras, seu marido era voltado para os negócios. É com ele que ela tem o seu primeiro filho. Anos mais tarde, Ana Plácido vive um romance com Camilo Castelo Branco, o que acaba provocando um grande escândalo para a sociedade portuguesa. Em resposta a isso, Manuel Alves decide prender a esposa em um convento, o que não a impede de se encontrar com Castelo Branco. Dessa maneira, ele resolve denunciá-los por adultério, e, em 1860, aos 28 anos, Ana Plácido é presa e, meses depois, Castelo Branco.

Apesar de a clausura ter sido uma fase traumática para a escritora, foi neste período que Ana Plácido teve sua maior produção literária, pois foi na cadeia que ela escreveu o livro *Luz Coada por Ferros*, obra que reúne o conto em estudo nesta pesquisa. Essa coletânea de contos e meditações abrange temas como o casamento por obrigação e o adultério feminino. Além disso, esse livro foi retratado em uma resenha crítica de Machado de Assis, no jornal *O Futuro*, periódico literário do Rio de Janeiro. Esta foi a única obra em que Ana Plácido usou o seu próprio nome, pois, devido aos escândalos que ocorreram no período em que estivera presa, passou a assinar com pseudônimos masculinos como, por exemplo, Gastão Vidal de Negreiros e Lopo de Sousa e também, siglas do seu nome (A. A.).

O conto “Adelina” é uma narrativa que tem como tônica os relacionamentos amorosos e o adultério. No início do conto, após a morte de seu pai, Adelina vai morar com sua tia, lá ela conhece Luiz, por quem se apaixona e com quem se casa. Durante a narrativa, a protagonista interage com outros personagens, como Sophia, sua melhor amiga, e Alberto, por quem tem um grande apreço. A traição vinda das pessoas que mais amava faz com que Adelina caia na infelicidade e suas ações são influenciadas por isso.

O autor Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro. Após a perda da irmã e da mãe, em 1854, seu pai casou novamente e ele via em sua madrasta uma segunda mãe. Em 1856, ele publicou o seu primeiro poema, intitulado “Ela”, no jornal *Marmota Fluminense*. Entre os anos 1856 e 1858, ele começa a trabalhar como tipógrafo e revisor, é a partir daí que começa sua escrita, com publicações em jornais, que mais tarde produz livros e acaba sendo conhecido nacionalmente. Em 1869, Assis se casa com uma portuguesa, Carolina Augusta Xavier de Novais (1835- 1904). Em 1881, escreve sua obra de maior destaque: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Anos mais tarde, perde a esposa e escreve um soneto dedicado a ela *A Carolina*, e depois faz mais livros que colocam a mulher como destaque, mas geralmente pelo ponto de vista de um narrador homem, relacionado ao machismo opressor da época. Machado de Assis é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira, além de ser considerado um grande expoente do realismo no Brasil.

Em 1871, o autor escreve o conto “Mariana”, publicado no *Jornal das Famílias*, em um momento decisivo para a história da escravidão no Brasil, em que ocorreram

diversos movimentos para a promulgação da Lei do Ventre Livre. O conto é narrado em primeira pessoa e começa pelo primeiro narrador que se chama Macedo, ele é quem começa a narrativa chegando ao Brasil e reúne os amigos em um restaurante para que contem sobre suas vidas. Porém o segundo narrador é o que ganha destaque nessa narrativa. Coutinho é um amigo de Macedo que assume a narrativa e conta sobre a vida de Mariana, uma mulher escravizada, criada dentro de casa, supostamente bem tratada e que se apaixona por Coutinho. Durante toda a narrativa, Coutinho relata a vida da mulher de uma forma grosseira e preconceituosa, desmerecendo-a e enaltecendo-se como um ser bom, generoso e capaz de provocar a morte de uma mulher apaixonada por ele.

A seleção dos contos “Adelina”, de Ana Plácido, e “Mariana”, de Machado de Assis, justifica-se pela compreensão sobre o modo como cada autor constrói o universo emocional e social de suas protagonistas femininas. Os textos em questão são pouco trabalhados e não foram lidos e explorados por muito tempo. O conto de Ana Plácido, por exemplo, foi recuperado após anos sem o seu acesso. No Brasil, esse acesso é possível por meio da edição completa de *Luz coada por ferros* publicada pela Editora Lello & Irmão, datada do ano de 1904, em domínio público. Aqui, o sentido de recuperação está atrelado a memória e a visibilidade da autora e do livro, definido como um valor literário e feminista para a literatura portuguesa do século XIX.

Já o conto de Machado de Assis, “Mariana”, não teve somente a publicação de 1871, pois 20 anos depois, em 1891, o autor publicou um novo conto, na obra *Várias Histórias*, em que sua protagonista era branca, tinha certos privilégios e cometia adultério ao se envolver amorosamente com uma antiga paixão do passado, o personagem Evaristo. No primeiro conto, são apresentadas questões sobre a escravidão, em que entra em vigor a Lei do Ventre Livre. Com o passar dos anos, Machado publica o segundo conto, com o mesmo nome do anterior, o que gera um apagamento do conto inicial, o substituindo do cânone machadiano. É somente anos mais tarde, já no século XX, que pesquisadores recuperam a obra “Mariana”, de 1871.

Nesta análise serão destacados os aspectos ligados aos narradores, uma vez que desempenham um papel fundamental nas narrativas. É por meio deles que conhecemos o universo narrativo e, portanto, as personagens, seus sentimentos e opiniões com profundidade psicológica diante dos acontecimentos, além de direcionar

o leitor para uma determinada perspectiva. Nesse sentido, interessa a este trabalho verificar como as personagens femininas são construídas a partir de diferentes narradores, de modo a identificar essas características, o ponto de vista que cada narrador expressa diante dos conflitos emocionais e éticos das personagens e comparar as estratégias narrativas utilizadas por Ana Plácido e Machado de Assis em momentos de publicação tão próximos.

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza analítica, que busca compreender o funcionamento dessas vozes para caracterizar as protagonistas. Além disso, importa analisar a construção dessas personagens e os recursos discursivos presentes nos textos literários, que enfatizam as relações amorosas e suscitam representatividade feminina, força moral, escravidão e o seu impacto na sociedade da época.

Antes de aprofundar a análise sobre as vozes narrativas e suas respectivas contribuições para a leitura e compreensão do texto, é necessário que se entenda sobre a contextualização histórica que, por sua vez, reflete na escrita e apresentação desses narradores no texto. Tendo em vista que, os contos analisados são ambientados em países diferentes, sendo “Mariana”, no Brasil, e “Adelina”, em Portugal, o primeiro capítulo deste trabalho apresenta questões históricas e políticas que fundamentaram a escrita e a representação dessas vozes narrativas nos textos, já que este período influencia significativamente no desenrolar dos contos. Dessa forma, o capítulo foi dividido em dois subcapítulos: O primeiro apresenta uma contextualização histórica de Portugal, apresentando sucintamente os acontecimentos que ocorreram nesse período no país. E em seguida, no segundo subcapítulo, a apresentação histórica é mostrada através dos acontecimentos que ocorreram no Brasil, mencionando momentos importantes, como a promulgação da Lei do Ventre Livre e a Abolição da Escravatura.

Para alcançar os objetivos propostos, o segundo capítulo deste trabalho apresenta o aporte teórico principal sobre a narratologia, de Gérard Genette, com *Discurso da narrativa*, sendo dividido em três partes: o primeiro subcapítulo busca apresentar a voz narrativa segundo as ideias de Gérard Genette, no qual são mobilizados aspectos sobre a voz e suas características, sendo elas, os tipos de narrador, e a situação em que ele está inserido no texto e que contribuem para a compreensão do leitor. No segundo subcapítulo, a análise se detém somente no conto

“Adelina” (1863) a partir da teoria de Genette. Por fim, o terceiro subcapítulo analisa o conto, “Mariana” (1871), também sob a mesma perspectiva teórica.

No terceiro capítulo, apresenta-se sobre a representação das personagens femininas na literatura do século XIX revela diversas perspectivas ao serem observadas por diferentes narradores, e mais ainda quando vistas sob o olhar de um narrador masculino e outro feminino, como é o caso dos contos em questão. É diante desta visão, que se apresenta o terceiro e último capítulo deste trabalho, intitulado “A condição da mulher e a literatura no século XIX”, em que é apresentada uma análise comparativa dos contos “Adelina” (1863) e “Mariana” (1871), relacionando-os com as vivências e sofrimentos da mulher do século XIX, que foram causados pelas barreiras sociais e patriarcais da época. Além disso, apresenta as rupturas produzidas pelos autores na construção desses narradores.

Também são utilizados como aporte teórico para este capítulo as seguintes obras e autores: a Literatura Comparada, a partir do pensamento de Tânia Carvalhal e Benjamin Abdala Júnior acerca das relações literárias entre Brasil e Portugal; bem como, as autoras Mary Del Priore, abordando aspectos sobre a identidade das mulheres no século XIX, no Brasil, e Irene Vaquinhas, que trata sobre a identidade da mulher em Portugal; a Crítica Literária, com o autor Sidney Chalhoub, que apresenta uma análise aprofundada dos textos de Machado de Assis; e Simone de Beauvoir, que, no livro *O segundo sexo*, problematiza a posição da mulher em segundo plano.

2 CONTEXTO HISTÓRICO NO SÉCULO XIX: ENTRE BRASIL E PORTUGAL

A identidade da mulher no século XIX, tanto em Portugal quanto no Brasil, era marcada por diversos fatores, entre eles, o patriarcado, a religião e os espaços públicos que as mulheres poderiam ou não participar. Dessa maneira, buscou-se analisar os aspectos que contribuíram para o desenvolvimento desse sistema em ambos os países citados, para que se possa compreender melhor sobre o que se passava na época dos contos “Adelina” (1863) e “Mariana” (1871).

O patriarcado, em Portugal e no Brasil, tinha um sistema com regras muito rígidas. A mulher como esposa e mãe deveria cuidar da casa e dos filhos e ser submissa ao pai ou marido, enquanto o homem tinha a ocupação de trazer o sustento para a família e exercia a autoridade máxima sobre sua vida.

Outro aspecto a ser destacado é o impacto das classes sociais, em que as mulheres brancas da elite viviam mais reclusas e suas ações eram voltadas ao lar; já as mulheres mais pobres tinham de trabalhar fora, como lavadeiras e empregadas e; as mulheres negras não tinham autonomia sobre sua vida, pois viviam como posse dos senhores, sendo submetidas a explorações e violências. Além disso, a religião e a educação doméstica estavam ligadas a esses comportamentos, visto que a mulher tinha o dever de ser educada religiosamente e saber fazer trabalhos manuais para agradar seus maridos. A Igreja tinha grande influência quanto ao comportamento feminino, defendendo a ideia de que a mulher deveria ser um ser puro e obediente. Nesse contexto, a autora Irene Vaquinhas pontua que

O ideal feminino, profundamente enraizado na moral católica, confundia-se com a figura da Virgem Maria: pureza, recato, obediência e sacrifício. A mulher que fugisse a esse modelo perdia a honra e o reconhecimento social, sendo considerada uma ameaça à ordem familiar e religiosa. (VAQUINHAS, 2005, p. 29)

Assim, o imaginário feminino era construído e fundamentado pela organização da Igreja, que padronizava as mulheres, impondo essas características a elas. Enquanto a sociedade obedecia fielmente às crenças religiosas e replicava as ações do clero, estes aproveitavam a vulnerabilidade de pensamento da população para introduzir isso como regra religiosa.

2.1 Portugal no século XIX

O contexto histórico presente em Portugal não se dá apenas pelas questões estéticas e estruturais das famílias portuguesas, pois, além dessas, o contexto político, econômico e sociocultural sintetiza o que Ana Plácido estava vivenciando naquele período. Devido a sua prisão em 1860 por ter cometido adultério, que na época era crime e as leis eram bem mais rígidas com as mulheres, ela escreveu boa parte de seu livro *Luz Coada por Ferros* no cárcere. É refletindo sobre as imposições da sociedade nesse período que Ana Plácido busca inserir em seu livro de contos diversos temas que fizeram parte da vida de muitas mulheres da época. Dessa maneira, a autora busca abordar o patriarcado, a importância do matrimônio e a diferença social entre os gêneros, com objetivo de mostrar a desigualdade imposta por um sistema machista e opressor.

O século XIX corresponde à época em que tem início a Revolução Francesa, de 1789, se estendendo até à 1ª Guerra Mundial, em 1914. Entre os anos 1807 e 1811, Portugal enfrentou grandes embates com as tropas napoleônicas, as consequências dessas invasões levaram a corte portuguesa a transferir-se para o Brasil em 1808, o que impactou significativamente em sua economia. Esses movimentos acarretaram um período de ruptura e modernização, ocorrendo assim a Revolução Liberal do Porto, no ano de 1820, em que havia a exigência de que o rei retornasse ao país para a criação de uma constituição. Nesse momento, Portugal passa por muitos conflitos com os liberais e os defensores da monarquia absolutista, que se detinham ao apoio total ao rei. Contudo, isso acaba culminando na Guerra Civil Portuguesa, entre os anos 1832 e 1834, que foi vencida pelos liberais.

Durante esse momento histórico, o país vivenciou grandes mudanças diante da Revolução Industrial, bem como com as construções de ferrovias e meios de comunicação. Mesmo assim, a economia continuou em desvantagem devido às guerras, dependendo, em maior parte, da agricultura.

Socialmente o país apresentava as características do patriarcado, sendo influenciado pela Igreja católica. Nessa época as terras e outros bens da família pertenciam ao homem responsável pela mesma. Assim, todas as decisões cabiam a essa pessoa. Ele decidia o que deveria ser plantado, como deveria ser plantado, quem ficaria responsável por plantar e como dividir essa produção. As mulheres e os filhos

eram considerados dependentes desse indivíduo e não podiam possuir e administrar esses bens (GUIMARÃES, 1986).

Nesse contexto, a Igreja sendo vista como conselheiros morais e religiosos, ensinou e defendeu essa posição do homem, tornando-o um ser divino, já que o homem nasceu para governar. Além disso, considerava o casamento um sacramento indissolúvel, proibindo o divórcio e o adultério, garantindo que a mulher permanecesse ligada ao marido até sua morte.

Ademais, o século XIX foi um período transitório em Portugal, marcando uma revolução política e cultural, em que o liberalismo destrona o absolutismo, ampliando um novo estilo literário, o romantismo, que corresponde a uma nova visão de ideais de liberdade e identidade nacional. Para Abdala Júnior e Paschoalin:

O Romantismo surge como a expressão artística e cultural do novo tempo: rompe com as regras rígidas da literatura clássica e neoclássica, que estavam a serviço da corte e sentimento, à individualidade e à realidade do próprio país. (ABDALA JUNIOR; PASCHOALIN, 2010, p. 72)

As mudanças culturais conduzidas pelo liberalismo não influenciaram apenas as questões políticas, mas também transformaram o modo de pensar criticamente e de escrever de muitos autores. Dessa maneira, os autores Abdala Junior e Maria Paschoalin explicam que,

Com o fim do absolutismo, a cultura deixa de ser um privilégio restrito à nobreza e ao clero, produzido para agradar ao rei, e passa a ser um bem público, destinado a forma, a consciência de uma nova sociedade, organizada em torno da ideia de nação. (ABDALA JUNIOR; PASCHOALIN, 2010, p. 75)

O trecho anterior confirma a mudança de poder, em que no período absolutista a cultura era designada apenas para pessoas nobres e religiosas, que tinham acesso à educação, artes e livros. Porém, Abdala Junior e Paschoalin mencionam que o liberalismo pregou a igualdade e a liberdade, mas que isso não ocorreu na prática. Ainda por muito tempo a mulher continuou sendo submetida à autoridade do pai e do marido e a Igreja manteve grande influência sobre a moral e a educação dessas mulheres.

2.2 Brasil no século XIX

As marcas históricas da opressão vividas pelas mulheres no Brasil foram caracterizadas pelo patriarcado, a forte presença da Igreja Católica na tomada de decisões, a desigualdade de gênero e a desigualdade social. Sendo o patriarcado como um grande fator que influenciou a vida de muitas mulheres, pelo sistema rigoroso ao qual eram submetidas, acompanhando as desigualdades sociais e econômicas que aconteciam no país.

O século XIX no Brasil foi marcado por muitas mudanças, sendo elas lutas por liberdade e uma nova era para a identidade nacional. Tais mudanças implicaram a passagem de Império para República, que praticamente após 70 anos de monarquia teve sua Proclamação em 1889. Estas disputas ocorreram pelos conflitos liberais e conservadores da época, em que havia tensões entre o governo central e as províncias. Isso acarretou movimentos, como a Revolta dos Malês e a Revolta dos Farrapos, ambas em 1835.

Este período começou pelo domínio de Portugal. Foi somente em 1808 que a família real chegou ao Brasil, devido à invasão napoleônica. Esse momento trouxe mudanças importantes para o Brasil, que ainda era uma colônia, como, por exemplo, a abertura dos portos.

Em 1822, sob a liderança de Dom Pedro I, filho de Dom João VI, o Brasil deixou de ser colônia e se tornou um país independente, mas nem tudo se resolveu a partir disso, pois a população negra e indígena ainda pertencia ao domínio dos senhores. Em grande parte do século, o Brasil viveu sob domínio português, primeiro por Dom Pedro I e em seguida por Dom Pedro II. Diante disso, a economia brasileira foi impulsionada pela produção e exportação de café, o que teve como consequente o fortalecimento da elite na agropecuária. A região que mais ganhou com isso foi a Sudeste.

Apesar do crescimento econômico e da independência no país, essa não era uma realidade de toda a população, pois grande parte ainda era escravizada, tornando a sociedade profundamente desigual e sustentada pelo trabalho escravo. Milhões de africanos, descendentes e povos indígenas foram submetidos à exploração física, sexual e mental, que assegurou a produção agrícola e empregatícia nas casas dos senhores, sempre servindo aos donos de terras. No entanto, os movimentos

abolicionistas ganharam grande destaque, com pressões políticas e sociais para uma população livre.

Anos mais tarde, houve algumas mudanças significativas a partir desses movimentos pela libertação dos negros. Em 1850, foi promulgada a Lei Eusébio de Queirós, que proibia definitivamente o tráfico brasileiro de pessoas escravizadas, sendo um marco do Segundo Reinado. Em seguida, foi promulgada a Lei do Ventre Livre, no ano de 1871, em que foram declarados livres os filhos de mulheres escravizadas nascidos a partir dessa data, sendo um princípio para a abolição total da escravatura. Neste ano, ocorreu a publicação do conto “Mariana”, de Machado de Assis e, ao observar que a narrativa, em um segundo plano, é narrada por Coutinho, é notável que Mariana, por mais que seja escrava da casa, não tem sequer liberdade, pois nasceu antes da promulgação desta lei. Em 1885, foi promulgada a Lei Sexagenária, que concedia a liberdade aos escravizados com mais de 60 anos, dando um passo ainda maior para a abolição definitiva. E somente em 1888, foi sancionada a abolição da escravatura, por meio da Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, extinguindo oficialmente a escravidão e marcando o fim de mais de três séculos de trabalho escravo no país.

No ano seguinte a este, ocorreu a Proclamação da República, que foi liderada pelo militar Deodoro da Fonseca, que deu um fim à monarquia e concedeu a inauguração da República ao Brasil. E além do grande marco pelas questões políticas que caracterizaram o século XIX no país, outro aspecto a ser mencionado foi o desenvolvimento cultural e literário, com a construção de grandes nomes da literatura e movimentos que contribuíram para a construção de uma identidade nacional.

3 A NARRAÇÃO NOS CONTOS “ADELINA” (1863) E “MARIANA” (1871)

Este capítulo busca apresentar uma análise sobre os narradores presentes nas obras “Adelina” (1863), de Ana Plácido, e “Mariana” (1871), de Machado de Assis. Para isso, será utilizado como fundamentação teórica a obra de Gérard Genette *Discurso da Narrativa*, em que são apresentados os principais aspectos dos narradores.

Desta forma, é necessário apresentar um breve conceito sobre o ato narratológico: A narratologia, é, basicamente, um estudo estrutural de uma obra literária ou cinematográfica, apresentando como a história é contada, e relacionando-a com o discurso, ou seja, analisando fragmentos que classificam a relação entre o que é contado e como é contado.

3.1 A narratologia de Gérard Genette

Para uma análise significativa dos narradores dos contos em estudo, é importante que se entenda o papel de cada narrador. Para isso, buscou-se analisar os conceitos que o teórico Gérard Genette apresenta em seu livro *Discurso da Narrativa*, que abrangem diferentes aspectos que são usados para caracterizar o narrador. Genette busca analisar como as histórias são contadas, focando na relação entre a história, a narrativa e a narração. Para isso, dividiu a sua obra em cinco capítulos: a ordem, a duração, a frequência, o modo e a voz narrativa, que mobilizam o leitor a compreender e refletir sobre os sentidos do narrador nas obras.

A voz narrativa para Genette refere-se à instância de quem narra a história, ou seja, diz respeito a quem fala no texto. Ele apresenta diferentes concepções que distinguem uma voz da outra, a partir de exemplos citados no texto, coerentes com as histórias representadas por cada tipo de narrador, mas também ultrapassa determinadas classificações tradicionais, em que muitas vezes são limitadas à pessoa do discurso. Dessa maneira, a voz é organizada em diferentes categorias, baseadas na relação entre aquele que narra a história e qual tipo de narrador ele é. Diante disso, o autor afirma que

[...] a categoria da voz: aspecto [...] da acção verbal considerada nas suas relações com o sujeito, não sendo esse sujeito aqui somente aquele que realiza ou sofre a acção, mas também aquele (o mesmo

ou um outro) que a relata, eventualmente, todos aqueles que participam, mesmo que passivamente nessa atividade narrativa” (Genette, 1979, p. 212)

Isto é, o narrador é inserido em uma estrutura complexa, pois não está atrelada somente ao sujeito e à ação, destacando quem faz ou quem sofre essa ação, mas, sim, relacionada aos aspectos que contribuem para caracterizar essa voz, como, por exemplo, os participantes do enunciado, o ponto de vista narrativo, a forma como os acontecimentos são apresentados para o leitor, etc.

Após a definição do conceito de voz, é importante que haja a compreensão de outros aspectos, e dentre eles, está a noção sobre a situação narrativa, que envolve duas extremidades: o narrador e o narratário. Assim, Genette afirma que

a situação narrativa, como qualquer outra, é um conjunto complexo no qual a análise, ou simplesmente a descrição, só pode distinguir retalhando-o um tecido de relações estreitas entre o acto narrativo [...], religando-os, no essencial, às categorias do tempo narrativo, do nível narrativo e da pessoa, ou seja, as relações entre o narrador – e eventualmente o seu ou os seus narratário(s) – e a história que conta. (Genette, 1979, p.214)

Dessa maneira, compreende-se que a narrativa é um ato de comunicação, e a partir disso é definido uma simples conversa ou troca de argumentos como característica dessa ótica. Isso ocorre mesmo que esse narratário – o interlocutor – não seja explicitamente marcado no texto.

Outra perspectiva relevante para os estudos sobre a voz é a classificação que Genette faz com relação aos tipos de narrador/vozes, como o narrador heterodiegético, que está fora da diegese. Ele não participa da história como um personagem, mas conta os fatos a partir do seu ponto de vista, sendo um observador. Há também o narrador homodiegético, que participa da história e que a narra em primeira pessoa, assumindo o papel de um personagem secundário ou uma testemunha dos acontecimentos. Por último, há o narrador autodiegético, que acaba sendo um tipo específico de narrador homodiegético, por descrever os fatos em primeira pessoa, porém, neste caso, ele é o protagonista da própria história, como, por exemplo, em uma autobiografia.

Diante desse contexto, destacam-se os narradores hetero e homodiegéticos para serem analisados nos contos de Ana Plácido e Machado de Assis. Dessa forma, ao contextualizar esses conceitos em seu livro, Genette destaca que o narrador atua como uma instância mediadora que estrutura e orienta a leitura, influenciando a

interpretação da história. Ao afirmar que tal análise da voz envolve os aspectos aqui citados, estabelecendo um modelo analítico rigoroso, que amplia as possibilidades de compreensão do texto. Ademais, sua contribuição permanece central para os estudos da narratologia ao oferecer instrumentos conceituais que permitem compreender a narração como um todo.

3.2 Quem narra no conto “Adelina” (1863), de Ana Plácido

No conto “Adelina”, presente no livro *Luz Coada por Ferros*, de Ana Plácido, a narradora ocupa um papel central na construção física e psicológica da protagonista e na crítica à condição feminina no século XIX, em Portugal. O conto inicia com a apresentação da protagonista Adelina, construída como uma personagem sensível, emotiva e fragilizada pelas exigências sociais de sua época. Desde o início é percebida a forte valorização sobre a interioridade da personagem, devido ao modo como a narradora apresenta Adelina, mostrando seus sentimentos, suas angústias diante dos acontecimentos e os conflitos emocionais que envolvem os demais personagens do conto.

Adelina é submetida às expectativas familiares para a época, referente às imposições relacionadas ao casamento e à repressão sobre seus sentimentos e pensamentos. Esses conflitos que, por sua vez, caracterizam grande parte da sociedade oitocentista, mobilizam revoltas e indecisões da protagonista. É a partir disso que a narrativa evidencia a falta de autonomia da mulher e o sofrimento que lhe foi provocado pelas normas e regras sociais e machistas da época.

No conto, a voz narrativa que apresenta a personagem principal é feminina, como é apresentado ao leitor no trecho em que a narradora caracteriza a personagem Sophia.

Sophia era formosa, nem mesmo bonita. Era um desses typos que chamam a atenção do homem, e que nos desagradam a nós as mulheres, como tudo o que achamos pesado, duro, e opaco, a empanar-nos as ilusões. Ilusões! minha querida leitora – se é que hei de ter uma? – Que palavra esta tão significativa das amarguras que temos forçosamente de libar! Quem deixou na primeira vereda da juventude de phantasiar e ver por mil prismas enganosos, arrojando-se denodadamente a mundo desconhecidos? Almas predestinadas às chimeras com que o genio doura o infortúnio, nenhuma. Nenhuma; e para as que não me entenderam, que valeria acclarar a idéa? (PLÁCIDO, 1904, p. 50)

Essa descoberta só é visível nos últimos capítulos dos contos e através de uma leitura atenta sobre os fatos. Isso contribui para que Adelina seja narrada por uma voz que estabelece certa proximidade com ela, principalmente com seus sentimentos e desejos. Sendo caracterizada como uma voz subjetiva e reflexiva, essa proximidade feminina faz com que a protagonista seja representada de forma sensível e empática quanto às percepções que lhes são tomadas durante o texto. Como, por exemplo, no trecho a seguir.

Não, minhas senhoras, Adelina não era sequer romântica; não tinha estudado as paixões na linguagem veemente de Alexandre Dumas, ou na tempestuosa de George Sand. A natureza revelava-se-lhe n'um som mysterioso e incompreensível para muitos. Embelesava-a essa poesia radiante que ora folga em gemer nas selvas sombrias, ora se exalta na campina em hymnos ao Creador. (PLÁCIDO, 1904, p. 28)

Neste trecho, a narradora se direciona ao leitor, que pode ser considerado apenas por leitoras mulheres. E, comenta sobre Adelina não ser uma pessoa romântica, como são representadas as personagens femininas no romantismo, por exemplo, ao qual a obra de Ana Plácido é com frequência vinculada. Essa estratégia narrativa sensibiliza o leitor ao mostrar o estado emocional de Adelina, envolvendo dores e construindo a personagem de forma mais humana.

Além desses aspectos, a narrativa apresenta uma crítica social intensa, no sentido que direciona o leitor a refletir sobre a condição da mulher na sociedade portuguesa, como a imposição ao casamento, a submissão patriarcal, a educação desigual e a moralidade imposta às mulheres. É por meio da protagonista, Adelina, que a autora Ana Plácido denuncia as consequências que foram impostas pela sociedade de forma intimista, afastando a mulher de uma posição de autonomia e tomada de decisões.

A narrativa é conduzida por uma voz feminina que se coloca no texto, mas não participa da história, sendo classificada como uma narradora heterodiegética, como é possível verificar no parágrafo que inicia o conto.

O Porto é o edem aonde mais infloram os amores angelicos, cândidos, e infantis. Ninguém me desmentirá, creio. Aqui, não chegou ainda o contagio d'essa peste maléfica que lavra já na capital, como em todas as capitães dos grandes reinos. [...] Estamos pois na cidade da Virgem. (PLÁCIDO, 1904, p. 15-16)

A voz em “Adelina” é marcada pela representação de uma narradora feminina, que reflete sobre sua vida de uma forma significativa, colocando a personagem como uma pessoa que passa por muitas dificuldades, mas resiste a isso. Aquela que narra conta sobre as experiências afetivas e morais da protagonista, pois, durante a história, é possível perceber o envolvimento que a narradora tem com Adelina e o modo como ela produz essa protagonista na interação com os demais personagens. Percebe-se isso, por exemplo, em um momento em que Adelina escreve uma carta para sua tia e a voz narrativa descreve os sentimentos de dor da protagonista naquele instante.

Adelina escreveu a sua tia. Expandiu a dôr d'aquella orfandade tão sentida e pesarosa, gemeu inconsolável aquella perda para que não há no mundo compensação possível. O coração de um pai é tesouro superior a todas as riquezas da terra. É ali onde buscamos o refrigério, sempre certos de encontral o nas adversidades e desgraças, por mais grandes que sejam, e maiores que o destino nos mande sopportar. (PLÁCIDO, 1904, p. 23)

Esse trecho revela tal proximidade com a personagem principal, pois apresenta ao leitor seus sentimentos mais dolorosos, capacidade essa que um narrador como Coutinho, em “Mariana” (2015), mesmo em primeira pessoa, não é capaz de descrever sobre sua protagonista.

Adelina não é considerada extremamente correta por suas ações, mas a narradora evidencia o ponto de razão que a personagem apresenta diante das situações. A voz em “Adelina” rompe com o modelo patriarcal, característico do século XIX, pois coloca a mulher sob outro olhar, sendo ela o sujeito da palavra, não mais como objeto do olhar masculino.

Adelina, não era já aquella viçosa e arrebatadora formosura: era o vulto majestoso da desesperança. A dôr sulcava-lhe as faces; os olhos assombrados por orla escura, tinham perdido o brilho, e volviam-se à terra, escondidos, debaixo das longas pestanas.
Toda vestida de negro, com os cabelos mais negros ainda levantados na testa e caídos para traz, deixava adivinhar n'aquella fronte pendida, os pungitivos pensamentos que a dilaceravam. (PLÁCIDO, 1904, p. 60)

Na citação acima, observa-se a forma como a narradora caracteriza a protagonista da história, mostrando ao leitor uma mudança brusca nessa caracterização, a qual está relacionada com o estado de espírito da personagem. A narradora vê na face e no corpo de Adelina a sua tristeza diante da situação de perda de seu casamento com Luiz e de uma amizade de anos com Sophia. Genette analisa

a função da voz como instância enunciativa. Sendo assim, Ana Plácido demonstra em seu conto o poder da voz feminina na reconstrução da sua própria identidade, desafiando as normas sociais.

Desse modo, a escolha da voz narrativa presente no conto Adelina não é somente técnica, e sim um ato político e simbólico. A protagonista ganha destaque pela sua força moral sob o olhar de uma mulher, desapropriando o discurso que antes era monopolizado pelo homem. O que é mencionado pela narradora, como as características e a apresentação da protagonista, se dá em particular ao seu ponto de vista com relação a Adelina. Desta maneira, Genette apresenta uma definição para isso,

A escolha do romancista não é feita entre duas formas gramaticais, mas entre duas atitudes narrativas (de que as formas gramaticais são apenas uma consequência mecânica: fazer contar a história por uma das suas “personagens”, ou por um narrador estranho a essa história. [...]) A verdadeira questão é a de saber se o narrador tem ou não ocasião de empregar a primeira pessoa para designar uma das suas personagens. Distinguir-se-ão, pois, dois tipos de narrativa: uma de narrador ausente da história que conta [...], a outra de narrador presente como personagem na história que conta [...] Nomeio o primeiro tipo, por razões evidentes, heterodiegético, e o segundo homodiegético. (GENETTE, 1979, p.243-244)

Dessa forma, ao tratar da voz narrativa, é apresentada uma narradora que descreve as características da personagem, indo além da estética, pois mostra o interior da protagonista, no momento em que relata a sensibilidade de Adelina. A narradora, sendo heterodiegética, observa o que acontece na vida da moça e relata até os sentimentos mais dolorosos.

3.3 Quem narra no conto “Mariana” (1871), de Machado de Assis

O conto “Mariana” (1871), de Machado de Assis, é apresentado de uma forma complexa, inicialmente por Macedo e posteriormente por Coutinho. Essa complexidade ganha destaque pela forma como Machado de Assis, quis introduzir dois narradores no conto e como seus papéis influenciam ao longo da narrativa. Assim, é narrada a trajetória de Mariana, uma jovem negra, que foi criada dentro da casa da família de Coutinho, sendo considerada da “família” e que, por este motivo, acabou recebendo uma educação próxima à das irmãs de Coutinho. Apesar desse tratamento considerado afetuoso pelos patrões, Mariana continuava ocupando a posição de subordinada na sociedade escravagista do século XIX, no Brasil.

Durante a narrativa, percebe-se o principal conflito do conto: o amor de Mariana por Coutinho. Esse sentimento mostra-se impossível diante das barreiras sociais e raciais impostas pela época. Enquanto Coutinho segue sua vida sem perceber o sofrimento constante que Mariana sente por ele, a dor de um amor não correspondido e da exclusão social que marca suas condições. Mariana tenta a todo momento se desvencilhar desse sentimento, fugindo da casa dos patrões. Coutinho inicialmente não compreende tais ações da jovem e busca recuperá-la como bem material da família, sempre sustentando afirmações de que Mariana deve à família, por ter sido bem cuidada durante sua vida.

Esse sofrimento emocional da personagem aumenta gradativamente, revelando seu conflito psicológico e a impossibilidade de ocupar um lugar dentro daquela sociedade. Incapaz de suportar a tristeza e a frustração, Mariana adoece e acaba ficando entre a vida e a morte e, nem assim, Coutinho é capaz de compreender seu amor. É somente no final do conto, após Mariana fugir novamente e tentar suicídio, que ela revela seus sentimentos, trazendo ao conto um fim trágico, a morte da protagonista.

A narrativa é marcada por duas vozes masculinas em primeira pessoa, que participam da história: O primeiro narrador é Macedo, que chega da Europa, reencontra os amigos e, durante uma conversa, pergunta a um deles como está a prima Amélia. Esse a quem Macedo se refere é Coutinho, o segundo narrador presente no conto, e, é ele quem narra a história de Mariana. Segundo Genette, a análise da voz narrativa busca responder à pergunta: “quem fala?”. No conto, inicialmente quem fala é Macedo, narrador que introduz a situação narrativa e apresenta Coutinho ao leitor, como mostra o fragmento a seguir,

- Não te casaste? perguntei eu.
- Com a prima Amélia? Disse ele; não.
- Por quê?
- Porque não foi possível.
- Mas continuaste a vida solta que levavas?
- Que pergunta! exclamou o negociante. É a mesma coisa que era há quinze anos. Não mudou nada.
- Não digas isso; mudei.
- Para pior? Perguntei eu rindo.
- Não, disse Coutinho, não sou pior do que era; mudei nos sentimentos; acho que hoje não me vale a pena cuidar de ser mais feliz do que sou. (ASSIS, 2015, p. 979-978)

No trecho, Macedo descreve o estado melancólico de Coutinho e cria a situação em que ele passa a recordar o passado. Assim como Coutinho, Macedo também é considerado um narrador em primeira pessoa, sendo responsável por introduzir a história principal. Dessa forma, Macedo também se encaixa nesses aspectos referentes ao ato de narrar a história, pois ele inicia o conto e finaliza-o, mesmo que durante a narrativa ele passe a se tornar um personagem em terceira cena. Diante disso, constitui-se um personagem que não vive diretamente o drama de Mariana, mas abre espaço para que a narrativa aconteça. Sua função é estrutural e mediadora, encaminhando o leitor a observar o segundo narrador.

Ademais, o narrador Macedo, é considerado um narrador homodiegético, mesmo que não participe do que acontece diretamente com Mariana, o momento em que os fatos estão sendo relatados por Coutinho se trata do tempo no presente. Isso é perceptível graças ao Macedo, que ocupa esse papel de dar início e conclusão ao conto.

Em seguida, a narrativa passa para Coutinho, que assume a narração no momento em que ele começa a contar a história de Mariana. Ele é considerado também um narrador homodiegético, porque participa da história que conta, narrando em primeira pessoa sua convivência com Mariana e reconstruindo os acontecimentos através da memória.

– Chamava-se Mariana, continuou ele alguns minutos depois, e era uma gentil mulatinha nascida e criada como filha da casa, e recebendo de minha mãe os mesmos afagos que ela dispensava às outras filhas. Não se sentava à mesa, nem vinha à sala em ocasião de visitas, eis a diferença; no mais era como se fosse pessoa livre, e até minhas irmãs tinham certa afeição fraternal. (ASSIS, 2015, p. 978)

Isso acontece quando ele relembra a infância ao lado da jovem e descreve a posição dela dentro do ambiente familiar, sendo criada com uma suposta proximidade afetiva, mas ainda submetida à condição de escravizada.

A partir da teoria de Genette, também é possível analisar o foco da narrativa, através da perspectiva ao qual os acontecimentos são recebidos. Neste conto, o que predomina é o ponto de vista do narrador Coutinho, que opina sobre a personagem, ao modo como vai se passando a narrativa, conhecendo a protagonista por suas percepções e lembranças. Tudo que se conhece sobre Mariana chega mediado por

sua consciência e por sua interpretação tardia dos sentimentos da personagem principal.

Todos estes acontecimentos tinham chamado a minha atenção para a mulatinha. Parecia-me evidente que ela sentia alguma coisa por alguém, e ao mesmo tempo que o sentia, certa elevação e nobreza. Tais sentimentos contrastavam com a fatalidade da sua condição social. Que seria uma paixão daquela pobre escrava educada com mimos de senhora? (ASSIS, 2015, p. 976)

Neste trecho Coutinho percebe o sofrimento de Mariana, mas inicialmente não compreende o verdadeiro significado de tal melancolia e tristeza. Isso cria um efeito de sentido muito importante para o conto, pois Mariana permanece silenciada, já que sua subjetividade não aparece diretamente. Coutinho apresenta suas próprias opiniões sobre Mariana.

O termo “mulatinha”, utilizado pelo narrador, apresenta uma marca do racismo estrutural e simbólico, usando essa menção diversas vezes durante a narrativa, Coutinho rotula Mariana e reduz sua origem racial. Neste período, esse termo era utilizado por pessoas brancas para classificar “escravos de casa”, na tentativa de manter uma hierarquia que as colocavam abaixo dos brancos. Além disso, ao mencionar que os sentimentos de Mariana eram de “certa elevação e nobreza”, Coutinho define que os sentimentos da protagonista não eram naturais de uma mulher negra e escravizada.

Nesse sentido, a voz em “Mariana” é julgadora, pois o narrador modifica a dor sentida pela personagem sob o seu olhar e coloca a mulher como um ser frágil e submisso, enquadrando-a dentro de um discurso moral característico de sua masculinidade. Machado de Assis não defende essa visão de Coutinho, pelo contrário, ele a reproduz para que haja uma exposição crítica sobre esse assunto, característica do período literário em que a obra foi publicada.

Assim ela aparece apenas pelo olhar masculino e prepotente de Coutinho. Essa escolha narrativa reforça uma crítica social profunda. Embora ele demonstre consideração superficial pela personagem Mariana, sua perspectiva acaba ficando limitada às amarras da sociedade, ou seja, a uma estrutura escravocrata em que ele foi criado. Dessa maneira, o foco interno da narrativa revela as marcas de uma sociedade profundamente escravocrata, destacando a imposição da sociedade sobre

o que é correto ou não, a impossibilidade de se relacionar com diferentes etnias e o quão impactante o amor não correspondido pode ser na vida de uma pessoa.

As falas de Coutinho mostram a forma como o narrador descreve a personagem no decorrer do conto, apresentando a protagonista com termos racistas. Além disso, a forma como ele descreve os fatos e caracteriza Mariana mostra a sua índole, sendo um mesquinho, que se diz sem vaidade e maldade, mas suas verdadeiras intenções provam o contrário. Aqui, a mulher é definida como um objeto, sobre o qual se pode falar, mas que não tem voz.

Nesse contexto, é perceptível a forma desprezível que o narrador trata Mariana, pois, ao contar para os amigos sobre a moça, Coutinho utiliza disso para se vangloriar, querendo ser a representação do homem que é bom com aqueles que estão abaixo dele e por isso deve ser amado, além de ser evidenciado o suposto cuidado que ele tem com Mariana. Tal atitude evidencia o caráter paternalista das ações de Coutinho. Além disso, a forma como ele conta a história dela demonstra sua visão sobre a escravidão, que ficou em evidência na publicação deste conto.

Se entendido unicamente no sentido mencionado, o paternalismo é apenas uma autodescrição da ideologia senhorial; ou seja nessa acepção, o paternalismo seria o mundo idealizado pelos senhores, a sociedade imaginária que eles se empenharam em realizar no cotidiano. (CHALHOUB, 2003 p. 29)

Segundo Chalhoub, as relações paternalistas se dão sobre a existência do dependente sob proteção do Senhor, mas esse fator não significa igualdade. Pelo contrário, o sistema social da época seguia essa lógica de dependência e submissão, marcada significativamente pela autoridade senhorial. Esse aspecto está presente no personagem Coutinho, que é caracterizado como um idealizador, tratando a jovem Mariana de forma protetora, no seu ponto de vista, para depois se vangloriar dessas situações.

Na obra, Macedo também pode ser marcado como um narrador que, pela insensibilidade e postura elitista, característica da sociedade patriarcal da época, desmoraliza as mulheres e as têm como objetos de prazer. Embora não participe diretamente dos fatos com Mariana, suas atitudes perante o relato do amigo não apresentam verdadeira empatia sobre o que aconteceu. Sua fala e seu comportamento revelam certa superioridade social e moral, reforçando a

naturalização das desigualdades daquele contexto histórico. Quando ele afirma que Coutinho “parecia mais abatido que de costume” (Assis, 2015, p. 975), Macedo concentra a sua atenção no estado emocional do amigo, enquanto que Mariana aparece apenas como objeto de recordação. Além desse momento, também há outro, presente no final do conto, em que, após Coutinho concluir seu relato sobre Mariana, Macedo menciona,

[...] Mas daí a pouco saíamos pela Rua do Ouvidor fora, examinando os pés das damas que desciam dos carros, e fazendo a esse respeito mil reflexões mais ou menos engraçadas e oportunas. Duas horas de conversa tinha nos restituído a mocidade. (ASSIS, 2015, p. 992-993)

Isso justifica seus pensamentos sobre as mulheres e fundamenta o que foi dito anteriormente, caracterizando a mulher como bela, delicada e submissa, além de deixar claro que as aflições do outro não lhe cabem.

Para finalizar este capítulo, é importante mencionar outro ponto: a ausência de uma voz própria para Mariana. Pensando em como se sucedem os acontecimentos pelo viés de Coutinho, Mariana não ganha uma voz própria e tudo que é apresentado ao leitor é mediado pela voz de Coutinho, que revisita o passado através de uma consciência marcada pelo remorso. Nesse sentido, a mediação começa no momento em que ele assume a responsabilidade de narrar a história da personagem, revelando os fatos que julgava serem pertinentes para si, pois, ao lembrar os fatos anos depois, ele seleciona o que deve ser contado e quais detalhes merecem destaque.

Diante disso, o leitor não conhece a protagonista de forma direta, mas sempre pelo intermédio da perspectiva de Coutinho, isso reflete significativamente no modo discursivo em que o narrador a caracteriza, limitando o acesso do leitor na interpretação de subjetividade da personagem. Essa característica pode ser relacionada com a teoria de Genette sobre a voz narrativa. Assim a subjetividade de Mariana permanece silenciada durante todo o conto, em que as ações são refletidas diante de uma sociedade permanentemente patriarcal. O silêncio da personagem torna-se, portanto, um elemento significativo da crítica construída por Machado de Assis, mas, apesar disso, Mariana expressa sua voz de outras formas, como, por exemplo, por meio da fuga da casa dos senhores e do ato de liberdade ao final do conto.

Assim, a análise de Mariana, à luz das reflexões de Gérard Genette em o *Discurso da Narrativa*, evidencia como Machado de Assis constrói uma narrativa profundamente crítica da sociedade escravocrata e patriarcal do século XIX, no Brasil. As presenças de Macedo e de Coutinho revelam uma estrutura narrativa marcada pela mediação masculina da história de Mariana, uma personagem que, por sua vez, é constantemente silenciada e reduzida ao olhar de Coutinho. O foco interno presente no conto, sob o viés de Coutinho, faz com que o leitor acompanhe os fatos filtrados por uma consciência limitada, egoísta e atravessada pelo privilégio senhorial, sendo incapaz de reconhecer a humanidade e o sofrimento da protagonista.

Mesmo com o arrependimento de Coutinho após a morte de Mariana, isso não o redime, pois sua memória tardia apenas confirma sua passividade diante daquilo que acontece ao seu redor. Da mesma forma, Macedo participa dessa lógica ao tratar a tragédia de Mariana a partir de uma perspectiva distante e elitista, mas evidente a qualquer outra mulher, reforçando o apagamento da voz feminina dentro da narrativa.

Desse modo, Machado de Assis utiliza a organização das vozes não apenas como recurso estético, mas como instrumento de denúncia social, revelando como as relações de poder, o patriarcado e a escravidão produzem o silenciamento, a exclusão e a destruição subjetiva da mulher negra na sociedade brasileira oitocentista.

4 A CONDIÇÃO DA MULHER E A LITERATURA NO SÉCULO XIX

Os contos “Adelina” e “Mariana”, analisados neste trabalho, apresentam algumas divergências que diferem um conto do outro, bem como individualizam certos aspectos de cada protagonista. Para compreender as relações e os contrapontos dessas obras, será necessário mediar a análise a partir do seguinte questionamento: Com base na pesquisa atenta feita sobre os narradores, como será destinada a análise descritiva sobre os aspectos que mobilizam as protagonistas? Com o intuito de ir além da opinião da voz, ou seja, analisar os aspectos que estão ao redor das personagens principais, envolvendo questões como o pensamento íntimo, a educação, o patriarcado, o casamento, a sociedade, a igreja como lei majoritária, a desigualdade social e os espaços que as protagonistas fazem parte e que influenciam significativamente essa construção.

As obras de Ana Plácido e Machado de Assis surgiram entre as décadas de 60 e 70 do século XIX, um período importante para os movimentos literários da época por se tratar da transição do Romantismo ao focar em temas como temáticas sociais, abolição das escravatura, crítica política e um amor mais terreno, deixando de lado idealizações extremas e pessimismo, que foram observados em muitos livros publicados em anos anteriores.

Para iniciar a análise dos contos, é interessante destacar o significado presente nos nomes das protagonistas. O nome Adelina possui o significado atrelado à nobreza. É um nome feminino com fortes raízes históricas, associado a características de graça e dignidade. O nome chegou à Península Ibérica através do latim e popularizou-se na Europa medieval por influência da realeza (Dicionário de nomes próprios, 2008).

O nome Mariana significa “senhora soberana cheia de graça”. Entre as suposições de significado para este nome, a teoria mais aceita é a junção de Maria, cujo significado pode ser “senhora soberana”, “a pura” ou “a vidente” e; Ana que possui o significado de “cheia de graça” ou “graciosa”. Desta maneira, é um nome cuja simbologia se destaca pelo seu conceito, sendo marcada pelo equilíbrio entre força e doçura (Dicionário de nomes próprios, 2008).

Diante disso, é possível observar a força representada pelas protagonistas através dos nomes que lhes são dados, bem como a pressuposição de pureza. Os

autores acabam por mobilizar as personagens dentro da narrativa, relacionando essas forças e destacando suas identidades.

Após a apresentação desses significados, é possível verificar uma aproximação entre essas protagonistas, pois é perceptível a relação que ambas apresentam em seu próprio nome, relacionando a força e a identidade presentes nas caracterizações das personagens.

Em Portugal, o conto “Adelina” está inserido em um contexto romancista, sendo uma literatura de caráter normalizante, ao qual é retratado uma sociedade que tem uma grande influência pelos valores cristãos, pelo patriarcado e pela rígida estrutura familiar, em que a mulher é caracterizada como figura inferior aos homens e, por este motivo, estava frequentemente associada aos ideais de virtude e submissão. No Brasil, o conto “Mariana” está relacionado ao Segundo Reinado, principalmente direcionado às questões sobre a escravidão e as desigualdades sociais que impactaram uma população inteira por muitos séculos. Embora esses textos pertençam a nacionalidades distintas, ambas as narrativas destacam e problematizam as questões femininas da época.

No que se refere ao modo como a narradora descreve a protagonista, em “Adelina”, esta é apresentada como um ser ingênuo e forte, utilizando de um tom pedagógico, ao reforçar os valores cristãos e guiar a protagonista, caracterizando-a como um ser que se detém a um futuro predestinado.

Estamos pois na cidade da Virgem. E' n'esta divina padroeira que as mães descansam o cuidado de guardar intactos d'um desejo, ou pensamento equivoco, os corações virginais das filhas, muito além dos vinte e cinco anos, até que o marido predestinado lhes calque aos pés o gracioso e puro emblema da inocência. (PLÁCIDO, 1904, p. 15-16)

Dessa forma, a caracterização feita no início do conto pela voz narrativa em “Adelina” apresenta não só a protagonista como um ser suscetível às amarras do sistema da época, como também relaciona esses acontecimentos com todas as mulheres. O conto inicia enaltecendo a beleza da jovem e sua ingenuidade que chama a atenção masculina, mas apresenta referências sobre as regras da igreja, no momento em que cita “estamos pois na cidade da Virgem”, indicando que a mocidade de Adelina, assim como de outras mulheres, serve de exemplo para que cumpram

esse modelo e que, por sua vez, tendem a estar dentro do patriarcado, como alguém que deve se casar e construir uma família.

A familiaridade com a Virgem Maria se relaciona ao marianismo, termo utilizado para determinar a associação da identidade feminina com ideais católicos de veneração à Virgem Maria. Pensando nisso, é importante destacar que um dos valores que caracterizam as ações da personagem é a religião, ponto de ação principal, em que é representada como uma voz majoritária na vida de todos. A igreja católica por muito tempo se tornou a única crença aceita pela sociedade e isso não ocorreu somente em Portugal, como em muitos outros países, entre esses, o Brasil, considerado filho de Portugal, pela colonização dos portugueses, em 1500, acontecimento este que reflete as marcas das normas superiores impostas pela Igreja, favorecendo a si e aos senhores de muito dinheiro.

Nesse contexto, Adelina demonstra ser uma moça casta e ingênua, característica simbólica da protagonista, que é descrita dessa forma por sua tia. Além disso, sua crença influencia significativamente nesse pensamento, cujo valor religioso está ligado às suas questões morais, já que durante sua infância estudou em uma escola de freiras, ou pode-se dizer, em um convento, e, ao final do conto, ao refletir sobre sua infelicidade de viver, determinou que seus últimos dias também seriam neste lugar, não como uma forma de castigo ou devoção, mas como uma fuga diante das tristezas de sua vida.

Em “Mariana”, o marianismo já se destaca em seu nome, cuja junção de “Maria” com “Ana”, significa “senhora soberana cheia de graça”, como anteriormente mencionado (Dicionário de nomes próprios, 2008). Ao relacionar esses aspectos, é importante lembrar que Machado de Assis fez a publicação de dois contos com o mesmo nome, cujas protagonistas são caracterizadas de formas distintas. Em “Mariana” (1891), o seu nome carrega a simbologia de pertencimento aquele local, ou seja, de pertencimento aquela sociedade. É uma mulher livre e branca, e isso influencia nesse aspecto, mas continua sendo dependente do sistema. Já em “Mariana” (1871), com o mesmo nome, mas carregando a marca de uma pessoa privada de liberdade e opinião, o seu nome permanece, mas a condição em que a protagonista está inserida muda completamente. Mary Del Priore fundamenta essa questão, classificando a diferença presente no ideal mariano,

– pureza, submissão, recato – valia para todas, mas com resultados distintos: à mulher branca, ele dava status e respeito: à mulher negra escravizada, exigia-se a mesma conduta, mas sem jamais conceder-lhe reconhecimento, liberdade ou dignidade civil. (PRIORE, 2018, p. 156)

É nesta visão que “Mariana” (1871) está inserida, mesmo que houvesse certa igualdade para todas mulheres ao defini-las como um ser submisso e que devesse respeito aos homens, havia a desigualdade dentro do próprio gênero, pois as mulheres negras não recebiam as mesmas vantagens na vida que uma mulher branca. Dessa maneira, é importante relembrar a amiga de Adelina, Sophia, uma mulher branca, mas de classe mais baixa. Mesmo mais pobre do que Adelina, Sophia tinha mais chances de ser aceita em um casamento e ter liberdade para andar livremente do que Mariana, que nem à rua podia ir sem a permissão dos patrões. Por muito tempo a cor da pele influenciou gerações, mesmo que uma mulher branca fosse pobre, ela não seria tratada de forma igual às mulheres negras.

Na legislação portuguesa, analisada e esclarecida pela autora Elina Guimarães (1986), consta que a mulher, como esposa, tinha obrigações rigorosas para a época, mas que também, com a evolução dessas leis, no século XIX isso apresentou mudanças. Assim, a lei disposta no artigo “O código civil de 1867”, no subtítulo “A Esposa”, consta que, após o casamento, futuro de Adelina, o marido ficava em posse de todos os bens e ainda competia, “[...] especialmente a obrigação de defender a pessoa e os bens da mulher e a esta obrigação de prestar OBIDIÊNCIA AO MARIDO” (GUIMARÃES, 1986, p. 561, grifo da autora). Ao analisar a forma como as leis foram descritas, é perceptível o sinal apresentado por aqueles que escreveram essas leis, firmando um processo obsessivo e superior contra a mulher em Portugal. Nessa perspectiva se encaixa o momento em que o pai de Adelina, antes de sua morte, deixou em um testamento incontestável que ninguém teria posse de sua herança, apenas a menina.

Adelina primava entre suas companheiras, que todas lhe queriam como irmãs; fazia as delícias, e era a esperança risonha do coronel. A morte porém, com as suas garra inexoráveis amanheceu um dia a dilacerar os debuxos graciosos que lavrara o extremoso pae na tela da fantasia. O coronel conheceu a imminencia do perigo e, tratou logo de perfilhar Adelina, deixando tudo em ordem para que ninguém lhe contestasse a herança. (PLÁCIDO, 1904, p. 22)

O que não se consolidou após o casamento com Luís, que, desde o início do conto, já espreitava o momento que teria posse total de seus bens. Aqui, o cuidado do pai em verificar com quem a herança iria ficar após sua morte e quais atributos devessem ser levados em conta para a utilização da mesma evidenciam o modo patriarcal presente na vida de Adelina, em que sua vontade perante a herança é incontestável.

Nesse sentido, analisam-se as assertivas referentes a privação parental em que, tanto “Adelina” quanto “Mariana” vivenciam em ambos os contos. Em “Adelina”, isso ocorre a partir da partida de seu pai, como citado anteriormente, é neste momento que a protagonista se vê desolada e sem rumo, até o momento em que envia uma carta a sua tia. Porém, as marcas representadas pela ausência do pai são perceptíveis. Mesmo que sua tia tente ocupar o lugar de detentora da moral e tente mostrar a Adelina como a sociedade reage a mulheres órfãs, Adelina a compreende, mas segue pela sua própria visão de mundo. Aqui, a tia Suzana busca orientar a sobrinha sobre as falsas paixões. “Salva-te, pois, minha Adelina. A’s traiçoeiras e enganosas paixões mundanas oppõe-lhe o divino amor de Deus. Só esse é grande e sublime! (PLÁCIDO, 1904, p.27)

É neste sentido que a Igreja se destaca como a voz principal dos bons costumes daquela época, pois ela ditava o que era certo ou errado, descriminando e desmoralizando as pessoas, principalmente as mulheres. Ademais, essa valorização pela igreja perdurou por muitas décadas seguintes e, mesmo com a crítica sobre esses preconceitos, a sociedade prezava por não se opor contra o clero.

Além disso, as leis também indicavam que, com relação aos bens móveis, o marido só poderia ter posse através do aceite da mulher, o que mais uma vez se concretiza de modo que Adelina tinha Luiz como o seu amor mais puro e verdadeiro, o que contribuiu para uma confiança mútua em sua vida, já antes do casamento. “Tua! – exclamava ella – tenho medo, aterra-me a felicidade demasiada que sinto aqui no coração onde a tua imagem está só, Luiz!” (PLÁCIDO, 1904, p. 33), declara Adelina a Luiz.

Já em “Mariana”, a privação patriarcal é considerada pela mãe de Coutinho, que se sensibiliza com a moça a ponto de chorar quando ela foge. Porém, mesmo que haja um certo respeito pela protagonista do conto, a mãe de Coutinho sempre a deixou em sua posição como a de criada da casa, mesmo que tivesse recebido educação e

que supostamente recebesse o mesmo afeto que a mãe dava às filhas, não se sentava à mesa e nunca fora igual a de seus próprios filhos. Coutinho demonstra a fragilidade da mãe quanto a essa questão no momento em que vai atrás de Mariana e justifica sua busca ao dizer que sua mãe estivera preocupada com a situação. “Mariana tinha desaparecido de casa. Achei minha mãe desconsoladíssima: estava triste e indignada ao mesmo tempo. Doía-lhe a ingratidão da escrava” (Assis, 2015, p. 985). Dessa maneira, percebe-se a relação de afeto e posse que a mãe de Coutinho tem por Mariana, ao lamentar a revolta da jovem, ao mesmo tempo em que, assim como Coutinho, demora a compreender as reais aflições da moça. Pode-se supor que seja uma escolha narrativa expressar apenas as inquietações e percepções do narrador sobre a moça.

O sistema patriarcal no século XIX viabiliza e sustenta boa parte das regras matrimoniais e familiares da época, que por muitos anos era firmada pelo “pater família” (GUIMARÃES, 1986, p. 558), ou seja, o homem que ficava responsável pela família e seus bens. Não necessariamente se tratava de um pai ou marido, pois poderia ser também um primo, irmão ou tio. Nesse sentido, os contos apresentam certa singularidade, pois é visto tanto em “Adelina”, quanto em “Mariana” a opressão do patriarcado. Em “Mariana” (1871), a protagonista, considerada um bem da família, deve, como obrigação, a gratidão, o respeito e a submissão ao homem, em princípio a Coutinho, filho dos patrões que a coloca como um objeto. Portanto, a caracterização da personagem se detém somente a visão de Coutinho, que “cuida” dela e se vangloria por isso. O momento em que Mariana foge e Coutinho a encontra confirma as imposições do narrador-personagem com a protagonista do conto, “- Sofrias muito! Tratavam-te mal? Bem sei o que é; são os resultados da educação que minha mãe te deu. Já te supões senhora e livre. Pois enganas-te; hás de voltar já, e já, para casa. Sofrerás as consequências da tua ingratidão. Vamos...” (ASSIS, 2015, p. 985).

Tais aspectos se relacionam com o que Chalhoub (2003) pensa sobre o conceito de paternalismo referente a essas condições e como ele influenciava na vida das mulheres dessa época, seja como sendo pai, marido, filho ou aquele responsável pela família. Nesse ponto de vista, a idealização da personagem Adelina acaba sendo como uma mulher que corresponde ao modelo feminino da época, o que surge como um contraponto a partir do que se conhece dela sob o olhar de quem narra a sua história. E Mariana acaba sendo vista como uma mulher que, além da obrigatoriedade

do respeito à família de Coutinho, é fragilizada pelas amarras de uma sociedade machista e opressora.

Além da forte característica de idealização dessas personagens, há aspectos de ruptura sobre as personagens. Adelina se permite trair sabendo que Luiz está completamente apaixonado por sua amiga, Sophia, é somente após meses que ela opta por se separar de Luiz e vai para o convento onde crescera. Já em “Mariana”, essa ruptura está no amor que sente por Coutinho, um amor proibido perante a sociedade, já que sua condição não favorece esse sentimento, e foge duas vezes. A última fuga culmina em seu suicídio. Nesse sentido, ambas as personagens apresentam um caráter dissidente diante do que acontece em suas vidas, pois não encontram um lugar em que possam viver e, assim, optam por sair dele, cada uma à sua maneira. Dessa forma, é possível refletir sobre o que a sociedade fazia com as mulheres naquela época, aniquilando a sua existência.

Outro aspecto significativo apresentado nos contos é a educação, uma vez que ambas as personagens vivem em classes sociais distintas, o que traz uma influência considerável para as duas histórias. Em “Mariana”, a população mais abastada da sociedade brasileira tinha o direito a escola, já a população mais pobre não tinha esse acesso. Coutinho, o narrador, comenta com os amigos sobre a educação de Mariana,

A sua educação não fora tão completa como a de minhas irmãs; contudo, Mariana sabia mais do que outras mulheres em igual caso. Além dos trabalhos de agulha que lhe foram ensinados com extremo zelo, aprendera a ler e a escrever. Quando chegou aos 15 anos teve desejo de saber francês, e minha irmã mais moça lho ensinou com tanta paciência e felicidade, que Mariana em pouco tempo ficou sabendo tanto como ela. (ASSIS, 2015, p. 979)

A protagonista só tem uma educação digna, porque foi criada junto à família de Coutinho, e assim, aprendeu a ler e a escrever, aspectos fundamentais para a época e os únicos que poderiam ser oferecidos para as moças brasileiras. Em 1827, meninas são autorizadas a frequentar escolas de “primeiras letras” (Art. 21, da Lei Geral, de 15/10/1827), se referindo apenas à leitura e à escrita. Neste momento, as moças brasileiras não tinham a liberdade do pensamento crítico perante a sociedade, tinham acesso apenas a esse conhecimento básico. A promulgação dessa lei contribuiu para que anos mais tarde houvesse a publicação do livro *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, de Nísia Floresta, no ano de 1832 e dezoito anos depois, ela

“manifestou-se publicamente em defesa da igualdade de gênero e do acesso das mulheres à educação” (FERNANDES, 2023), sendo um dos primeiros eventos do feminismo no Brasil.

Além disso, a religião servia como um instrumento importante para a “criação” de mulheres negras escravizadas. Para Priore (2005), essa religião era ensinada às mulheres, especialmente às mulheres negras e pobres, como é o caso de Mariana, pois o sofrimento terreno era considerado uma prova de fé e garantia de recompensa para a vida eterna. “A obediência a Deus servia para justificar a obediência ao senhor e ao marido, tornando a desigualdade vontade divina” (Priore, 2005, p. 92). A educação está atrelada a esse ideal de submissão e sofrimento, já que ao considerar esta uma forma educativa de orientar as mulheres, a imposição é vista como regra para uma vida digna.

Já no conto “Adelina”, a educação é mostrada ligada à religião sob as exigências do conservadorismo da Igreja e a preparação para o lar, sendo submetida ao casamento. A protagonista é educada desde jovem graças aos recursos oferecidos por sua família. Por fazer parte da população abastada de Portugal, a educação era algo garantido em sua vida. Essa responsabilidade era vista como primordial em todas as famílias e, assim, era dever do pai garantir esse acesso aos filhos desde pequenos.

O amor é um aspecto importante nos dois contos, ele aparece tanto em “Adelina”, no amor que sente por Luiz e, em seguida, por Henrique e Fernando, quanto em “Mariana”, mesmo que neste, o amor não seja correspondido por Coutinho. Em “Mariana”, ele é classificado pela infantilidade de Coutinho, considerado um narrador prepotente e mesquinho, o personagem demonstra durante a narrativa a incapacidade de se deixar tocar pela experiência de Mariana, demonstrando ser um homem preconceituoso e racista.

Todos esses acontecimentos tinham chamado a minha atenção para a mulatinha. Parecia-me evidente que ela sentia alguma coisa por alguém, e ao mesmo tempo que o sentia, certa elevação e nobreza. Tais sentimentos contrastavam com a fatalidade da sua condição social. Que seria uma paixão daquela pobre escrava educada com mimos de senhora? (ASSIS, 1909, p. 983)

A citação acima mostra a forma como o narrador descreve a personagem no decorrer do conto, apresentando a protagonista com termos racistas, além de definir a mulher como objeto em muitos momentos da narrativa. Tal afirmação representa o que a filósofa Simone de Beauvoir (1949), em *O segundo sexo*, apresenta em sua obra, que a mulher é historicamente construída como “o outro”, definida não por sua individualidade, mas pela relação de subordinação ao homem. Essa ideia é importante para compreender como são construídas as personagens femininas nos contos, a partir da visão dos narradores. A mulher é considerada “o outro” tanto em “Adelina”, que ousa desafiar os preceitos da sociedade em busca da própria autonomia, quanto em “Mariana”, cuja voz é mediada por um narrador masculino que reconstrói a história dela, mas é a sua visão moral que limita a complexidade feminina e coloca a mulher como uma personagem fraca e sem opinião.

Segundo Chalhoub (2003, p. 96), “Machado escolheu enfatizar não a ameaça que os escravos representavam para os senhores, mas o sofrimento que os senhores causavam aos escravos. Assim, Mariana emerge como personagem sofrida, dilacerada, porém portadora de cultura, capaz de atos de dignidade e autonomia, algo dramatizado com o suicídio no final”. Esse comentário é relativo à incapacidade que os dois narradores do conto têm de compreender Mariana, pois Coutinho se afasta do pensamento de poder sentir algo por ela e prefere considerá-la e marcá-la como uma jovem que sofreu de amores por ele. Já Macedo encara o relato do amigo como algo natural e rotineiro, devido ao fato de serem homens, brancos e ricos e, assim, serem considerados um bom partido para qualquer mulher. O conto pode até terminar com os dois e os demais amigos se vangloriando por essas características, porém não são bem vistos de caráter pelos críticos leitores que o Machado possui.

Antes de concluir este capítulo, é importante salientar a teoria apresentada na dissertação “O Legado Literário de Ana Plácido: Matriz autobiográfica e construção de sentido”, de Margarida Simões, em que ela defende a relação entre Ana Plácido e suas protagonistas. Ao analisar as características apresentadas pela autora no conto “Adelina”, é possível perceber uma relação com a realidade. Diante disso, Simões comenta

A reprodução do mesmo esquema narrativo, instinto numa figura muito similar relacionada com as diferentes protagonistas cumpre, basicamente, um propósito: enfatizar uma suposta realidade, análoga à experienciada por Ana

Plácido. É através da apresentação de um conjunto de histórias muito idênticas que se cria a sensação de que se trata de uma realidade verossímil mais comum do que à partida se poderia pensar. Além disso, esse mesmo efeito de proliferação e repetição estrutural aumenta também a probabilidade de compreender a própria história de Plácido.

A forma como esta realidade verossímil é recriada faz emergir uma vertente estética em particular – é uma linguagem culta, variada e rica de recursos que Ana Plácido conta as suas histórias de amor. A diegese ganha forma num estilo clássico e sobretudo teatral. O leitor depara-se com um desenrolar rápido da ação e da linguagem em que se concretiza confere-lhe um tom emocional e acentuadamente dramático. Este pormenor é evidenciado pela apresentação do próprio texto, que atribui ao diálogo um espaço amplo e apresenta no seu todo uma clara profusão de pontos de exclamação (por surpresa, raiva, dor, ironia, etc.) [...] (SIMÕES, 2021, p. 73)

A teoria apresentada por Simões revela um olhar minucioso quanto a vida de Ana Plácido, pois, ao pensar na vida real da autora, nos acontecimentos de sua vida quando iniciou a escrita desse conto – seu romance com Castelo Branco, sua prisão e afastamento dos filhos – isto, não está relacionado apenas ao conto “Adelina”, mas sim, está presente em todos os contos produzidos pela autora neste mesmo período. Anteriormente, foi comentado neste trabalho sobre onde se originou a escrita inicial do livro *Luz Coada por Ferros*, em que consta não apenas o conto “Adelina”, mas também uma coletânea de textos que expressam identidade e história. Ana Plácido não cria somente uma personagem, ela mobiliza em suas palavras a representação de muitas mulheres. Ao descrever cada uma, ela mostra as inquietações e intimidades de mulheres do século XIX e, assim, age criticamente sobre o poder que os homens tinham sobre elas. É triste pensar que essa obra foi, por muito tempo, desconhecida por muitas pessoas, tendo seu apagamento pela história. Ao longo de sua trajetória, a autora assinou suas produções com pseudônimos, como Gastão Vidal de Negreiros e Lopo de Sousa, e ao final pela sigla de seu nome (A. A.), como no livro aqui citado. Esse aspecto não se restringiu apenas a Ana Plácido, mas também foi um recurso utilizado por diversas outras escritoras da época que tiveram que ocultar seus nomes por pseudônimos masculinos, pois a autoria feminina era vista como imprópria.

Diante dos aspectos aqui citados, o principal que cabe como evidência em ambos os contos é a identidade feminina no século XIX, a esta, se destacam diversos fatores que contribuíram para a construção das personagens. Em “Adelina”, a sua construção é guiada pela condição de ser inserida na sociedade, a partir dos ideais de valorização da honra, superioridade moral e, um aspecto que para a sociedade era primordial, a submissão ao homem, o que não acontece, já que Adelina ama Luiz,

mas não é fiel a ele. A protagonista é fiel aos seus próprios sentimentos, característica construída pela narradora por esta superioridade. Assim, Adelina não se submete a Luiz como o esperado pela sociedade da época, pelo contrário, ela o trai e por mais que passe alguns meses sabendo disso, ao final do conto escolhe se separar como um firmamento dos seus sentimentos. Sua trajetória revela a grande influência das relações familiares e afetivas sobre suas ações na sociedade, especialmente no que diz respeito ao casamento e a sua reputação.

O final do conto “Adelina” suscita a reflexão sobre o que aconteceu recentemente em sua vida, a infelicidade e o desprazer em saber que fora traída por todos e que se via só, sem ninguém:

Traíram-me todos! Atraçoada por todos aqueles a quem dei entrada no meu coração. Também tu Sophia?! Oh! Este mundo é maldito! Orphã de esperança, só no meio d'esre cahos lamacento que eu adorei na pureza das minhas aspirações, que será de mim, Senhor? A cada passo mais descubro, e me estranho no abysmo. Abysmo medonhoonde não ha borda a que se apegue mão salvadora. Como é pezada a minha cruz! Por toda a parte o engano, a traição, e a hypocrisia.

Nada me resta. Nem familia, nem marido, nem um amigo!... E' de justiça. Jesus encontrou um só Cyreneu, e era o Justo, o Divino, o Rei dos mundos; eu sou a pecadora, o verme dos vermes, o átomo de pó que de turbilhão em turbilhão desaparece debaixo dos pés dos felizes. (PLÁCIDO, 1904, p. 68)

É a partir desse momento que a narradora segue os últimos parágrafos contando o que aconteceu com os demais personagens. Por fim, ela relata a decisão final da protagonista, que decide ir para o convento, onde estudou quando mais nova e que agora se tornaria um refúgio por consequência das relações humanas. Além disso, Adelina muda de nome e proíbe a todos que falem sobre seu passado, demonstrando seu desejo em apagar a sua antiga identidade.

Diante disso, o desfecho apresentado no final do conto pode funcionar como uma denúncia de Plácido às limitações impostas às mulheres no século XIX, marcada pelo julgamento social e pela moralidade patriarcal. Adelina encontra no convento um lugar de acolhimento e tenta escapar desse sistema opressor que omite os sentimentos femininos. Dessa forma, a decisão da protagonista representa o resultado da ausência de liberdade e de perspectivas para a mulher naquele contexto histórico.

Em “Mariana”, a construção da identidade, além das questões de gênero, é marcada pelas relações sociais e raciais vividas pela protagonista. Em um período escravocrata, quem mais sofria eram os escravizados. Aqui, as questões vão além do

gênero, pois a submissão não ocorre somente devido ao fato de a personagem ser mulher, mas por ser negra e escravizada, não possuindo liberdade física e muito menos de opinião. A protagonista ocupa uma posição inferior e de vulnerabilidade na narrativa, vivida dentro de uma estrutura patriarcal e escravocrata, tendo seus interesses e ações decididos por outras pessoas. Apesar das imposições a que é submetida, ela é capaz de saber seus limites e ter consciência de sua condição, é por este motivo que foge, com o intuito de se afastar das amarras que a sociedade a impõe.

O desfecho presente nas últimas páginas do conto de “Mariana” revela um dos momentos mais trágicos da narrativa e pode ser considerado como uma crítica social à estrutura escravagista do Brasil, naquele período. O suicídio de “Mariana” não significa um gesto de fraqueza, mas sim, o resultado extremo de uma existência desumana, marcada pela negação de sua liberdade, de sua humanidade e dos seus sentimentos. Embora ela seja criada no ambiente familiar, e se considere como da família, ela acaba criando a ilusão de pertencimento, porém, a realidade que lhe é apresentada constantemente revela que, devido a suas condições sociais e raciais, ela não pode ocupar este lugar. Além disso, seu amor por Coutinho, além de tornar-se não correspondido, representa a hierarquia de uma sociedade escravocrata, implicando na impossibilidade de uma escrava se casar com um homem branco da elite.

- Eu suspeito que ela tem alguma arma no bolso para matar-se; cumpre arrancar-lha.
Dizendo isto ao dono da casa, aproximei-me de Mariana.
- Dá-me o que tens aí.
Ela contraiu um pouco o rosto. Depois, metendo a mão no bolso, entregou-me o objeto que lá havia guardado.
Era um vidro vazio.
- Que é isto, Mariana? Perguntei eu, assustado.
- Nada, disse ela; eu queria matar-me depois d’amanhã. Nhonhô apressou a minha morte, nada mais.
- Mariana! Exclamei eu aterrado.
- Oh! continuou ela com voz fraca; não lhe quero mal por isso.
Nhonhô não tem culpa: a culpa é da natureza. Só o que eu lhe peço é que não me tenha raiva, e que se lembre algumas vezes de mim...
Mariana caiu sobre a cama. Pouco depois entrava o inspetor. Chamou-se à pressa um médico; mas era tarde. O veneno era violento; Mariana morreu às 8 horas da noite. (ASSIS, 2015, p. 991-992)

Esse final revela a incapacidade que a sociedade tinha em reconhecer que Mariana também era um sujeito dessa comunidade. Nota-se que mesmo cercada por pessoas que se “preocupam” com ela, ninguém foi capaz de compreender o seu verdadeiro sofrimento. A tragédia que acontece com a protagonista evidencia que o paternalismo mascara a dominação de poder de homens brancos e pessoas da alta sociedade. Esse afeto da família de Coutinho nunca lhe permite a igualdade ou liberdade na sociedade brasileira do século XIX.

A análise e comparação desses contos evidencia que ambas as protagonistas vivenciam essa experiência na mesma época, tendo como dever estar abaixo dos homens, além de se submeter à desvalorização e ao preconceito, possuíam poucas possibilidades de autodeterminação, enfrentando obstáculos que representam as normas sociais e fazem parte das hierarquias de poder vigentes em ambos os países. Entretanto, ambas se destacam distintamente pela forma como resistem a essas sociedades.

Diante disso, Tânia Carvalho (2006, p. 6-7) ressalta que a crítica literária “quando analisa uma obra, muitas vezes é levada a estabelecer confrontos com outras obras e outros autores, para elucidar e para fundamentar juízos de valor. Compara, então, não apenas com o objetivo de concluir sobre semelhanças e diferenças, mas para compreender melhor cada uma das obras envolvidas”. Enquanto em “Adelina” são destacados os conflitos das mulheres diante das expectativas sociais relacionadas ao amor e à honra, em “Mariana”, são reveladas as consequências das desigualdades raciais que representavam a sociedade brasileira oitocentista.

Nesse sentido, é importante destacar que “comparar não é igualar: ao contrário, o confronto evidencia também o que é próprio e irrepetível em cada criação, evitando reduzir uma obra a simples cópia ou variante da outra” (Carvalho, 2006, p. 28). Assim, nota-se que os contos podem apresentar semelhanças, mas ao analisá-las não são vistas as mesmas percepções, sob os mesmos pensamentos, com relação aos mesmos personagens, assim como os leitores não chegarão a uma mesma conclusão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar um comparativo entre as vozes narrativas presentes nos contos “Adelina”, de Ana Plácido, e “Mariana”, de Machado de Assis, observando os aspectos que levaram esses narradores a produção de suas protagonistas, não somente sobre a identidade de cada uma delas, como também apresentar questões relevantes ao entorno de suas vidas perante a sociedade no século XIX no Brasil e em Portugal. Para isso, foram utilizados conceitos do autor Gérard Genette como fundamentação para compreender qual tipo de narrador eles são e suas influências dentro das narrativas.

Para o autor, a instância narrativa destaca-se pela voz que fala no texto. Diante da análise apresentada neste trabalho, concluiu-se que os narradores são hetero e homodiegéticos, ou seja, caracterizam-se como um narrador que não participa e outro que participa da história. No conto “Adelina”, a narradora se coloca como um eu que se dirige às leitoras, apresentando a interioridade da personagem. Essa narração simboliza sua participação como narradora heterodiegética. Essa representação feminina apresenta ao leitor uma protagonista que destoa das imposições regidas pelo sistema patriarcal e pela Igreja católica, refletindo uma mulher forte e capaz de tomar suas próprias decisões, mesmo que isso seja voltar ao convento e ocultar o próprio nome.

Já no conto “Mariana”, o narrador é um personagem da história, que conta a vida da protagonista pelo seu ponto de vista, mesmo que não seja capaz de compreender o que ela sente e nem estar em seu íntimo, é ele quem descreve todos os seus passos, por esta razão, é caracterizado como um narrador homodiegético. Além disso, o narrador apresenta características de um homem egocêntrico e mesquinho, representando os homens daquela época, o que contribuiu para que houvesse um distanciamento entre o leitor e a obra, na medida em que a subjetividade de Mariana não é entendida diretamente. No conto a protagonista não tem voz perante a sociedade e sua distinção de gênero, raça e posição social influenciam nesta perspectiva. Contudo, expressa-se por meio das ações de fuga e suicídio.

A presente análise destacou uma ruptura presente em ambos os contos. Em “Mariana”, de Machado de Assis, a protagonista realiza esse gesto com a ordem que

lhe aprisiona, pois sua trágica morte pode ser interpretada como a única forma de escapar de um sistema opressor, que negava a ela qualquer possibilidade de ter autonomia. É através desse contexto que o conto denuncia a violência escravagista, indo além de castigos físicos, mas seguindo o caminho de castigos psicológicos. O autor evidencia que a opressão também destrói sonhos e identidades. Nesse sentido, é importante mencionar sobre a representação crítica que o autor constrói diante de seus personagens, pois, devido ao período histórico em que se passa a narrativa, Machado de Assis busca evidenciar não somente as divergências sociais da sociedade, como traz para o texto uma ironia para caracterizar a hipocrisia presente na sociedade brasileira.

Além disso, o suicídio apresentado no final do conto é compreendido como uma crítica à exclusão das mulheres negras e pobres de um futuro possível, pois, enquanto outros personagens podem escolher seus próprios caminhos, Mariana é proibida de sequer expressar seus sentimentos verbalmente, impactando a vida da personagem e levando-a a morte. Porém, tal afirmação não desconsidera o fato de que a protagonista expressa essa voz de outras formas, pois o suicídio no final do conto é representado como um ato de liberdade. A negação e ocultação dessa voz está relacionada ao simbolismo de qualquer perspectiva de pertencimento, tornando-se uma denúncia às limitações impostas pelo patriarcado e pela escravidão no Brasil.

Já em “Adelina”, a ruptura é representada nas relações humanas e nos papéis sociais e familiares impostos às mulheres. No decorrer da narrativa, a protagonista vivencia momentos de desilusões amorosas e imposições relacionadas às mulheres da época, condicionando sua identidade ao casamento e à vida familiar. Nesse sentido, o desfecho apresentado no final do conto, caracterizado pela decisão de ingressar no convento, simboliza a recusa em seguir as regras patriarcais. Esse acontecimento representa o abandono a essas desilusões românticas, evidenciando uma mudança na perspectiva com a realidade.

Ana Plácido, ao construir esse desfecho, evidencia tanto um gesto de autonomia de Adelina, quanto as questões regradas às mulheres do século XIX, em que até mesmo os atos de escolha ficaram condicionados às possibilidades restritas oferecidas à condição feminina. Ademais, a ruptura em “Adelina” não ocorre somente pelo amor ou pelo casamento, mas está ligada ao modelo de feminilidade que subordinava essas mulheres a expectativas sociais vivenciadas em Portugal.

Por fim, conclui-se que ambos os autores utilizaram da narração para problematizar a condição feminina no século XIX, mesmo que tenham sido feitos por caminhos distintos. Os narradores não contam apenas as histórias das protagonistas, mas revelam as tensões entre os desejos individuais e as normas e regras sociais. Embora as protagonistas tenham finais distintos, isso acaba representando diferentes formas de resistência às estruturas sociais, pois as rupturas presentes nos contos não trazem o significado da conquista de liberdade, mas sim, evidenciam os limites que lhes foram impostos. Dessa forma, os autores Ana Plácido e Machado de Assis transformam o caminho das protagonistas em uma ferramenta crítica, diante das relações de poder que sustentavam a desigualdade de gênero e, no caso de Mariana, a desigualdade racial. Ademais, a análise das vozes demonstrou que essas escolhas foram essenciais para a construção da narrativa e da crítica social da época, pois permitiu que os leitores compreendessem que o destino das personagens é resultado de estruturas históricas e sociais.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin e PASCHOALIN, Maria Aparecida. **História social da literatura portuguesa**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

ASSIS, M. **Contos Avulsos: Contos de Machado de Assis Vol. VIII**. 1ª Edição – Editora LL Library, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo, vol. II. A experiência vivida**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. Tradução de Sérgio Milliet. [1949].

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4.ed. rev. e ampliada - São Paulo; Ática, 2006.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. Editora Schwarcz Ltda - São Paulo, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Editora Planeta, 2005.

DEL PRIORE, Mary. **História da Mulheres no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FERNANDES, M. **Romantismo em Portugal**. Toda Matéria. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/romantismo-em-portugal/>>.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.

GUIMARÃES, Elina. **A Mulher Portuguesa na Legislação Civil**. Análise Social, vol. XXII (92-93), 1986.

[HTTPS://ADVOGADO1965.JUSBRASIL.COM.BR](https://advogado1965.jusbrasil.com.br). **Linha do tempo - Direitos das mulheres na legislação brasileira e na jurisprudência do STF, CNJ e STJ. | Jusbrasil**. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/linha-do-tempo-direitos-das-mulheres-na-legislacao-brasileira-e-na-jurisprudencia-do-stf-cnj-e-stj/1776438470>>.

PLÁCIDO, Ana. **Luz Coada Por Ferros**. Parceria Antônio Maria Pereira. Livraria - Editora, Lisboa, 1904.

SIGNIFICADO DO NOME ADELINA. **Dicionário de Nomes Próprios**, 2008. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/adelina/>. Acesso em: 15 de jul. 2026.

SIGNIFICADO DO NOME MARIANA. **Dicionário de Nomes Próprios**, 2008. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/mariana/>. Acesso em: 15 de jul. 2026.

VAQUINHAS, Irene. **Nem Gatas Borracheiras, Nem Bonecas de Luxo**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.